

**Congregazione dei Rogazionisti**

Curia Generalizia

Via Tuscolana, 167 - 00182 Roma

Tel. 06.7020751 - Fax 06.7022917

e-mail: segrgen@rcj.org



## *A caminho no Ano da Fé*

*“A Igreja no seu conjunto,  
e os Pastores nela, como Cristo  
devem pôr-se a caminho,  
para conduzir os homens fora do deserto,  
para lugares da vida,  
da amizade com o Filho de Deus,  
para Aquele que dá a vida,  
a vida em plenitude” (PF 2).*

Caríssimos,

O Santo Padre Bento XVI, com estas palavras, começa a carta apostólica, sob forma de Motu Próprio, *Porta Fidei*, com a qual no dia 11 de outubro de 2011, proclama o Ano da Fé, que terá início em 11 de outubro de 2012, no cinquentenário da abertura do Concílio Vaticano II, e terminará na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, a 24 de novembro de 2013.

O Papa – como recorda – retoma a mensagem dirigida à Igreja na homilia da santa missa no início de seu pontificado.

Ele renova tal exortação, neste solene evento do início do ano da Fé, sublinhando que a data lembra ainda os vinte anos da publicação do Catecismo da Igreja Católica, promulgado pelo Papa João Paulo II, com o “objetivo de ilustrar a todos os fiéis a força e a beleza da fé”.

Somos chamados a redescobrir a força e a beleza da fé. A nós é lembrado, de fato, que a graça do Concílio, os seus frutos, e entre estes o Catecismo da Igreja Católica, nos levam a redescoberta da fé, a sua evangelização ou nova evangelização, cientes “das graves dificuldades daquele tempo, sobretudo no que se referia à profissão da verdadeira fé e da sua reta interpretação” (n. 5).

Sobre estas premissas se fundamenta a iniciativa do Santo Padre de promover na Igreja um Ano da Fé.

Ele ressalta que não se trata de uma novidade, já que Paulo VI havia convocado um Ano da Fé em 1967, no décimo nono centenário do supremo testemunho dos apóstolos Pedro e Paulo, convidando a Igreja a “uma autêntica e sincera profissão da mesma fé”, para atestar como “os conteúdos essenciais, que há séculos constituem o patrimônio de todos os crentes, necessitam de ser confirmados, compreendidos e aprofundados de maneira sempre nova para se dar testemunho coerente deles em condições históricas diversas das do passado” (n. 4).

O Papa, além disso, reporta o testemunho de Joao Paulo II, que indicava ser o Concílio “a grande graça que beneficiou a Igreja no século XX”, e que os documentos conciliares “não perdem o seu valor nem a sua beleza”. Eis pois o convite a todos para que os leiam e os acolham guiados por uma justa hermenêutica, a fim de que se tornem cada vez mais uma grande força para a renovação sempre necessária da Igreja.

Precisamente ao documento conciliar *Lumen gentium* Bento XVI vai para nos lembrar de que a Igreja, “contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, exercita continuamente a penitência e a renovação”.

“O Ano da Fé – nos diz o Papa – nesta perspectiva, é convite para uma autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo” (n. 6).

O conteúdo fundamental da nossa fé é a manifestação do amor do Pai, em Cristo, dado a nós pelo seu Espírito, morto e ressuscitado por nosso amor, que nos chama a ressurgir com ele e n’Ele, e “caminhar em uma nova vida”. “Em virtude da fé, esta vida nova plasma toda a existência humana segundo a novidade radical da ressurreição. Na medida da sua livre disponibilidade, os pensamentos e os afetos, a mentalidade e o comportamento do homem vão sendo pouco a pouco purificados e transformados, ao longo de um itinerário jamais completamente terminado nesta vida. A fé que atua pelo amor, torna-se um novo critério de entendimento e de ação, que muda toda a vida do homem” (n. 6).

Mediante a fé nos inserimos no amor de Cristo que nos impele a ir adiante com coragem (2 Cor 5,14), a colocar-se em caminho para testemunhar e evangelizar.

“Com o seu amor, Jesus Cristo atrai a si os homens de cada geração: em todo o tempo, Ele convoca a Igreja confiando-lhe o anúncio do Evangelho, com um mandato que é sempre novo. Por isso, também hoje é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor de uma nova evangelização, para descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé. Na descoberta diária do seu amor, ganha força e vigor o compromisso missionário dos crentes, que jamais pode faltar. Com efeito, a fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria. A fé torna-nos fecundos, porque alarga o coração com a esperança e permite oferecer um testemunho que é capaz de gerar: de fato, abre o coração e a mente dos ouvintes para acolherem o convite do Senhor a aderir à sua Palavra a fim de se tornarem seus discípulos” (n. 7).

A caminho no Ano da Fé. O impulso nos vem da Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos convocada pelo Papa para esta data, com o tema “A nova

evangelização para a transmissão da fé”. O Santo Padre e os Bispos com ele nos convidam a redescobrir a nossa fé, deixando-nos iluminar pelos documentos do magistério, estudando-os, testemunhando-os e confessando-os, também publicamente. Trata-se de um chamado dirigido a toda a Igreja, começando pelos consagrados.

“As comunidades religiosas como as comunidades paroquiais e todas as realidades eclesiais, antigas e novas, encontrarão forma de fazer publicamente profissão do Credo” (n. 8).

A carta apostólica, portanto, nos lembra a necessidade de professar a nossa fé em sua plenitude e nos convida a olhar os primeiros cristãos que, recebido o “símbolo” no batismo, se sentiam na obrigação de aprender de memória, de cuidá-lo com amor e fidelidade, a ponto que “o vosso coração continue de vigília por ele”.

A nossa fé, no entanto, se manifesta de forma significativa na liturgia e em particular na Eucaristia. Mas o Papa nos adverte para ir além: “Descobrir novamente os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada e refletir sobre o próprio ato com que se crê, é um compromisso que cada crente deve assumir, sobretudo neste Ano” (n. 9).

A fé é um dom, o maior dom do amor de Deus, após aquele da vida. A fé nasce do coração de Deus e requer a adesão da pessoa humana, o seu amor.

O Santo Padre nos recorda, a respeito, as palavras de Paulo aos Romanos: “Acredita-se com o coração e, com a boca, faz-se a profissão de fé” (Rm 10,10). E completa: “A fé é decidir estar com o Senhor, para viver com Ele” (n. 10).

Base de nossa vida de cristãos é a opção livre, fundamental. Nessa, em uma efetiva unidade, coexistem os conteúdos específicos da fé cristã que professamos em toda sua riqueza.

Portanto, se livremente escolhemos de acolher o dom do Senhor, com responsabilidade, mas com o dom do Espírito, somos chamados a testemunhar a nossa fé no social:

“No dia de Pentecostes, a Igreja manifesta, com toda a clareza, esta dimensão pública do crer e do anunciar sem temor a própria fé a toda a gente. É o dom do Espírito Santo que prepara para a missão e fortalece o nosso testemunho, tornando-o franco e corajoso” (n. 10).

O testemunho da fé é o primeiro e mais importante meio para evangelizar e promover. O Santo Padre, todavia, recorda que a missão da Igreja foi sustentada e impelida pela fé, que animou inicialmente os Apóstolos, e depois os discípulos, os mártires, e um grande número de consagrados:

“Pela fé, homens e mulheres consagraram a sua vida a Cristo, deixando tudo para viver em simplicidade evangélica a obediência, a pobreza e a castidade, sinais concretos de quem aguarda o Senhor, que não tarda a vir” (n. 13).

Este empenho dos religiosos pela evangelização é evidenciado ainda mais pelo “Instrumentum laboris” do Sínodo sobre a nova evangelização com um sábio olhar de síntese:

“Reconhece-se a importância, em vista a transmissão da fé e ao anúncio do Evangelho, das grandes ordens religiosas e de tantas formas de vida consagrada, em particular das ordens mendicantes, dos institutos apostólicos e dos institutos seculares, com o seu carisma profético e evangelizador, mesmo em momentos de

dificuldade e de revisão do seu estilo de vida. Esta sua presença, por vezes escondida, é vista, todavia, numa ótica de fé, como fonte de muitos frutos espirituais em favor do mandato missionário que a Igreja é chamada a viver no momento presente” (...) Deseja-se, além disso, que “a vida consagrada dê um contributo essencial à nova evangelização, em particular no campo da educação, da saúde, da cura pastoral, sobretudo para com os pobres e as pessoas mais necessitadas de auxílio espiritual e material” (n. 114).

De particular importância se reveste para a vida consagrada, e para todos que vivemos o carisma do Rogate, a parte conclusiva do “Instrumentum laboris”, que trata da “centralidade das vocações”:

“Espera-se, neste sentido, que o próximo encontro sinodal coloque explicitamente em agenda a centralidade da questão vocacional para a Igreja de hoje. Espera-se que o Sínodo sobre a nova evangelização ajude todos os batizados a tornarem-se consciente do seu compromisso missionário e evangelizador. Perante os cenários da nova evangelização, os testemunhos, se querem ser credíveis, devem saber utilizar a linguagem do nosso tempo, anunciando assim, a partir de dentro, as razões da esperança que os anima (...) Mais especificamente, deverá prestar uma atenção particular ao ministério presbiteral e à vida consagrada, auspiciando que o Sínodo leve à Igreja o fruto de novas vocações sacerdotais, relançando o empenho de uma clara e decisiva pastoral vocacional” (n. 159).

De fato, se sabe que “um dos sinais mais evidentes da debilidade da experiência cristã é precisamente o enfraquecimento vocacional, que se refere seja à diminuição e ao definhamento das vocações de especial consagração no sacerdócio e na vida consagrada, seja à difusa debilidade referente à fidelidade às grandes opções existenciais, como, por exemplo, no matrimônio” (n.160).

Será fundamental retomar “a problemática, que se relaciona intimamente com a nova evangelização, não tanto para constatar a crise, e não apenas para reforçar uma pastoral vocacional que já se vem fazendo, mas muito mais profundamente, promover uma cultura da vida entendida como vocação” (n. 160).

O Ano da Fé, portanto, interpela de modo particular a nós Rogacionistas e, quanto somos, filhos e filhas de Padre Aníbal. O carisma do Rogate, que nasce da compaixão do Coração de Cristo pela multidão cansada e dispersa como ovelhas sem pastor, hoje mais do que nunca, na escuta da Igreja, nos chama a difundir o evangelho da vocação.

Padre Aníbal nos recorda que cada pessoa tem uma vocação e que se colocando em atitude de escuta e no seguimento se torna testemunha, anunciador e apóstolo. Tanto mais tudo isto nos compromete como consagrados.

A nossa Regra de Vida chama ao seguimento e à evangelização:

“O seguimento de Cristo, como é proposto no Evangelho, é a nossa suprema regra de vida. Fascinados pelo Mestre divino, deixamos tudo por Ele (cf. Mt 4, 18-22; 19, 21.27; Lc 5, 11) e o preferimos a outras coisas para poder participar plenamente de seu mistério pascal. Na vida espiritual, em um itinerário de crescente fidelidade, somos configurados a Cristo sobre o modelo dos Apóstolos, vivendo em plena comunhão de amor e de serviço à Igreja” (Cost. 10).

Seguimos Jesus, atraídos pelo seu amor e contagiados pela sua compaixão em vista da evangelização e salvação de todos:

“Marcados pelo selo (cf. Ap 7, 3-4) das palavras de Jesus que dizia: A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da colheita, que mande trabalhadores para sua colheita. Eis que vos envio... (Lc 10, 2ss.), somos chamados a anunciar a importância do divino comando para a vida da Igreja e a salvação da humanidade. A plena acolhida do ensinamento de Jesus nos obriga, não apenas a elevar súplicas e preces ao Altíssimo para que mande bons evangélicos operários à santa Igreja e o mundo todo, mas também a não economizar energias para sermos, nós mesmos, os evangélicos operários na messe do Senhor” (Cost. 65). Em nosso específico apostolado “nos empenhemos em propagar a oração pelos operários da messe como instrumento eficaz de evangelização e discernimento vocacional” (Cost. n. 68).

O nosso apostolado será sempre iluminado pela missão que nos foi confiada pelo santo Fundador, fielmente transmitida pela nossa Regra de Vida, para “(...) ser bons operários na Igreja, empenhando-nos nas obras de caridade, na educação e santificação das crianças e dos jovens, especialmente pobres e abandonados, na evangelização, promoção humana e socorro dos pobres” Cost. n. 3).

A este compromisso de testemunho e de evangelização nos chamou, recentemente, o Santo Padre na mensagem dirigida ao XI Capítulo Geral:

“A vossa Congregação tem uma longa história, escrita por corajosas testemunhas de Cristo e do Evangelho. Nesta estrada vocês são chamados hoje a andar com renovado zelo para avançar, com profética liberdade e sábio discernimento, sobre novos caminhos apostólicos e fronteiras missionárias, cultivando uma estreita colaboração com os Bispos e os outros componentes da Comunidade eclesial. Os vastos horizontes da evangelização e a urgente necessidade de testemunhar a mensagem evangélica a todos, sem distinções, constitui o campo do vosso apostolado. Tantos esperam ainda de conhecer Jesus, único Redentor do homem, não poucas situações de injustiça e de problemas morais e materiais interpelam os que creem”.

Uma missão tão urgente requer uma contínua conversão pessoal e comunitária. “Somente corações totalmente abertos à ação da Graça estão em condições de interpretar os sinais dos tempos e de acolher os apelos da humanidade necessitada de esperança e de paz”.

Nas páginas conclusivas da carta apostólica “A Porta da Fé” Bento XVI faz referência aos sinais dos tempos e aos apelos que provêm da humanidade necessitada de esperança e de paz:

“De fato, em nossos dias mais do que no passado, a fé vê-se sujeita a uma série de interrogativos, que provêm de uma diversa mentalidade que, hoje de uma forma particular, reduz o âmbito das certezas racionais ao das conquistas científicas e tecnológicas. Mas, a Igreja nunca teve medo de mostrar que não é possível haver qualquer conflito entre a fé e a ciência autêntica, porque ambas, embora por caminhos diferentes, tendem para a verdade” (n. 12).

O Ano da Fé, então, se constitui em um impulso para que toda a Igreja se ponha a caminho para responder a este apelo.

Como podemos verificar, lendo a carta apostólica, encontramos muitos motivos que nos levam a viver com entusiasmo este Ano da Fé, e ao mesmo

tempo temos as indicações para percorrer o caminho da redescoberta da fé, de sincera conversão e efetivo testemunho.

O Santo Padre, no desejo que este ano de graça traga copiosos frutos de renovação, na mesma carta convidou a Congregação para a Doutrina da Fé a “redigir uma *Nota*, através da qual se ofereçam à Igreja e aos crentes algumas indicações para viver, nos moldes mais eficazes e apropriados, este Ano da Fé ao serviço do crer e do evangelizar” (n. 12).

O mencionado Dicastério, na sua “Nota com indicações pastorais para o Ano da Fé”, ofereceu a toda a Igreja preciosas sugestões.

O Ano da Fé chama a nossa atenção para o Sínodo. Somos convidados a redescobrir um itinerário, que quer ser um caminho de fé, e a lançar um olhar particular a Maria, figura da Igreja, que “em si reúne e manifesta as principais verdades da fé” (LG 65). Somos chamados a viver a Jornada Mundial da Juventude e a participar de simpósios, congressos e encontros que favoreçam o conhecimento da fé e o seu testemunho. De modo especial nos é solicitado de aprofundar os documentos conciliares e o Catecismo da Igreja. O Ano da Fé nos chama a “um renovado empenho e efetiva e cordial adesão aos ensinamentos do Sucessor de Pedro”. Sabemos que tudo isto, para nós filhos e filhas de Padre Aníbal, é muito relevante. Neste contexto eclesial, na conclusão do Ano, seremos convidados a “renovar solenemente a profissão de fé”.

A Congregação para a Doutrina da Fé, continua na Nota, a dar indicações e sugestões interessantes nos âmbitos de Conferência Episcopal, diocesano e paroquial, comunidades, associações e movimentos.

Quanto às Igrejas locais, a Nota sugere, entre outros, oportunas celebrações da fé, jornadas do Catecismo da Igreja, organização de momentos específicos de catequese, formação permanente a partir dos documentos conciliares e do Catecismo, iniciativas apropriadas nos tempos fortes do Advento e da Quaresma, sensibilização do mundo académico e cultural, atenção particular ao mundo da juventude e às escolas católicas.

A nós religiosos, em particular, é dito: “Neste tempo, os membros dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica são solicitados a se empenhar na nova evangelização, com uma adesão renovada ao Senhor Jesus, pela contribuição dos próprios carismas e na fidelidade ao Santo Padre e à sua doutrina” (n. IV, 7).

Caríssimos coirmãos, vos exorto a deter-se pessoal e comunitariamente sobre os dois documentos que em breve síntese tentei de vos apresentar, a fim de que todos possamos nos colocar a caminho no Ano da Fé. E acolhamos as indicações que nos foram dadas. Neste espírito, sigamos a prática de nosso Santo Fundador, que para reavivar a fé, encontrava ou descobria sempre novas “indústrias espirituais”. Também nós, de acordo com as oportunidades que temos, na Circunscrição e na Comunidade, tomemos as iniciativas que nos levem a reavivar e testemunhar a nossa fé.

“Toda iniciativa para o Ano da Fé deve favorecer a alegre redescoberta e a o renovado testemunho da fé”.

Recordo que para nós Rogacionistas, Filhas do Divino Zelo, Missionárias Rogacionistas e Leigos da Família do Rogate, durante o próximo ano adquire uma importância particular o Dia Mundial de Oração pelas Vocações, no 50º aniversário de sua instituição.

Sabemos que esta Jornada constitui idealmente um ponto de chegada daquele serviço de difusão que o nosso santo Fundador iniciou na igreja de Messina e que depois, pouco a pouco, se estendeu à Igreja universal. Podemos considerá-la como ponto de chegada ainda porque a necessidade e urgência da oração pelas vocações com tal Jornada são promovidas regularmente pelo Sumo Pontífice. Mas como o problema das vocações é vivo ainda hoje, permanece como ponto de renovada partida, especialmente para todos nós que recebemos a missão do Rogate.

Neste ano, além disso, estamos comprometidos em promover a figura de nosso santo Fundador como “Padroeiro das Vocações”. Sabemos que tal reconhecimento pode levar a um maior conhecimento de seu caminho de santidade e de sua paixão pelo Rogate e, conseqüentemente, favoreça a difusão da oração pelas vocações.

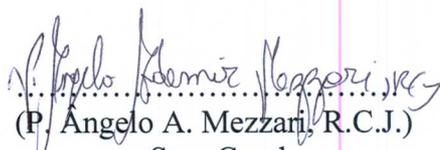
Todos nós, no contexto em que vivemos e atuamos, nos faremos mensageiros desta iniciativa. Temos consciência que promover a difusão do culto de nosso fundador, Santo Aníbal Maria Di Francia, neste Ano da Fé, segundo o convite que nos foi dirigido pelo Santo Padre, evangeliza o Rogate.

Desejo concluir esta minha carta com as palavras do Santo Padre: “À Mãe de Deus, proclamada “feliz porque acreditou (Lc 1,45), confiamos este tempo de graça”.

Com estes votos, vos saúdo com afeto nos Divinos Superiores,

Roma, 21 de setembro de 2012.

S. Mateus, Evangelista

  
(P. Angelo A. Mezzari, R.C.J.)  
Sup. Geral